

Amos Oz
◊
UMA HISTÓRIA
DE AMOR E TREVAS

Traduzido do hebraico por
Lúcia Liba Mucznik





Nasci e cresci num rés-do-chão muito pequeno, de cerca de trinta metros quadrados, com um pé-direito baixo. Os meus pais dormiam num sofá-cama que, aberto, ocupava quase completamente o quarto deles. De manhãzinha cedo fechavam-no, escondiam a roupa de cama na escuridão da gaveta inferior, viravam o colchão, comprimiam-no e tapavam tudo com uma coberta cinzento claro. Depois espalhavam em cima do sofá umas quantas almofadas orientais bordadas para apagar os vestígios da noite. O quarto deles servia de quarto de dormir, de escritório, de biblioteca, de sala de jantar e igualmente de sala de visitas.

Em frente ficava o meu quartinho, um cubículo esverdeado, meio ocupado por um roupeiro bojudo. Um corredor sombrio, estreito e baixo, um pouco tortuoso, semelhante a um túnel cavado por fugitivos da prisão, ligava a minúscula cozinha e a casa de banho aos dois quartinhos. Uma lâmpada fraca, encerrada dentro de uma gaiola de ferro, projectava no corredor um simulacro de luz turva, mesmo durante o dia. À frente havia apenas duas janelas — uma no quarto dos meus pais e outra no meu — protegidas por estores metálicos através dos quais, olhando em direcção ao oriente, se conseguia ver apenas alguns ciprestes empoeirados e um muro de pedras secas. A cozinha e a casa de banho davam, através de frestas gradeadas, para um pequeno pátio de prisão cimentado e cercado por muros altos, um pátio onde não entrava um raio de sol e onde definhava uma sardinheira pálida plantada numa lata de

azeitonas enferrujada. Os rebordos das frestas estavam sempre enfeitados por frascos com pepinos hermeticamente fechados, e algum infeliz cacto enfiado na terra de um bacio rachado que fazia as vezes de vaso.

Na verdade, aquilo era mais uma cave: o rés-do-chão do prédio fora escavado na encosta do monte. O monte era o nosso vizinho — um vizinho pesado, introvertido e severo, um monte velho e melancólico, com costumes de solteirão empedernido, fechado num silêncio total, sonolento e inercial, que nunca arrastava móveis nem recebia convidados, não fazia barulho nem chateava mas, através das duas paredes comuns, infiltrava-se sempre, como um persistente cheiro a mofo, o frio, a escuridão, o mutismo e a humidade daquele vizinho triste.

De maneira que durante todo o Verão conservávamos um pouco de Inverno connosco.

As visitas diziam: que agradável é a vossa casa nos dias de *sharav*¹, tão fresca e calma, está mesmo fresca, mas como é que fazem no Inverno? As paredes não criam humidade? Não é um pouco deprimente?

Os dois quartos, o buraco da cozinha, a casa de banho e, em particular, o corredor, eram escuros. Os livros enchiam a casa toda: o meu pai lia em dezasseis ou dezassete línguas e falava onze (todas com pronúncia russa). A minha mãe falava quatro ou cinco línguas e lia umas sete ou oito. Falavam entre eles russo ou polaco, quando não queriam que eu compreendesse (que era a maioria das vezes). Uma vez em que a mãe se enganou e disse na minha presença em hebraico a palavra «garanhão», o pai ralhou com ela em russo: «*Chto s taboi?! Videsh maltchik ryadom s nami!*») Por razões culturais, liam sobretudo em alemão e inglês, mas de noite sonhavam naturalmente em iídiche. Mas a mim ensinaram-me apenas hebraico: deviam recear que o conhecimento das línguas me fizesse sucumbir ao encanto da bela e fatal Europa.

¹ Vento quente e seco do deserto. (*N. da T.*)

Na escala de valores dos meus pais, quanto mais ocidental, mais cultural: Tolstoi e Dostoievsky estavam muito próximos da sua alma russa, mas penso que consideravam a Alemanha — apesar de Hitler — mais cultural do que a Rússia e a Polónia, a França mais do que a Alemanha, e a Inglaterra mais do que a França. Quanto à América, não estavam assim tão certos: um sítio onde se massacravam os índios, atacavam carruagens, procurava ouro e caçavam raparigas.

Para eles a Europa era a terra prometida e proibida, o lugar nostálgico dos campanários e das velhas praças empedradas, dos eléctricos, das pontes e das torres das catedrais, das aldeias isoladas, das fontes termais, das florestas e dos prados cobertos de neve.

As palavras «cabana», «prado», «guardadora de gansos», fascinaram-me e emocionaram-me durante toda a infância. Tinham o perfume sensual de um mundo autêntico, tranquilo, afastado dos telhados de zinco cheios de pó, dos descampados invadidos pela sucata e as silvas, e dos declives áridos de Jerusalém, abafada pela crueldade do Verão incandescente. Bastava-me murmurar a palavra «prado» para ouvir logo o mugido das vacas com chocalhos ao pescoço e o som dos riachos. Quando fechava os olhos via a guardadora de gansos descalça, tão *sexy* que me dava vontade de chorar, antes mesmo de eu perceber o que quer que fosse.

Anos mais tarde, constatei que a Jerusalém do mandato britânico, nos anos vinte, trinta e quarenta, era uma cidade extraordinariamente civilizada, com grandes comerciantes, músicos, intelectuais e escritores: Martin Buber, Gershom Scholem, Agnon, e muitos outros sábios e artistas notáveis. Às vezes, quando passávamos pela rua Ben Yehuda ou na alameda Ben Maimon, o pai segredava-me: «Lá vai aquele intelectual de renome mundial.» Não percebia o que é que ele queria dizer com aquilo. Pensava que renome mundial significava ter pernas doentes, porque eram frequentemente velhos com bengalas, que coxeavam um pouco e andavam vestidos de fatos de lã grossa mesmo no Verão.

A Jerusalém que os meus pais cobiçavam situava-se longe do nosso bairro: em Rehavia, imersa em verdura e sons de piano, nos três ou quatro cafés com lustres dourados da rua de Jaffa ou

Ben Yehuda, nos salões do YMCA e no Hotel King David, onde judeus e árabes amantes de cultura se cruzavam com britânicos cultos e afáveis, onde damas sonhadoras de pescoços compridos e vestidos de baile esvoaçavam nos braços de homens de fato escuro, onde ingleses de espírito aberto encontravam judeus cultos e árabes educados, onde se realizavam recitais, bailes, serões de leitura, chás-dançantes e debates artísticos elegantes. É possível que essa Jerusalém dos lustres e dos chás-dançantes só existisse nos sonhos dos habitantes de Kerem Avraham, bibliotecários, professores, empregados e encadernadores. Seja como for, não existia no nosso bairro. O nosso bairro, Kerem Avraham, pertencia a Chekov.

Anos mais tarde, quando li Chekov (em tradução hebraica), tive a impressão que ele era um de nós: o tio Vânia era o nosso vizinho de cima, o doutor Samoilenko, que se inclinava por cima de mim para me apalpar com as suas mãos largas e fortes quando eu tinha uma angina ou difteria, Laïevskî com a sua enxaqueca crónica era o primo segundo da minha mãe, e íamos ouvir Trigurin no salão da Casa do Povo no final do *Shabat*.

Com efeito, havia entre nós russos de todos os tipos, entre os quais muitos tolstoianos. Alguns eram o retrato chapado de Tolstoi. Quando vi uma imagem de Tolstoi na gravura sépia da capa de um livro, tive a certeza de já o ter visto entre nós muitas vezes: a passear na rua Malaquias ou a descer a Abdias de cabeça descoberta, com as barbas brancas ao vento, o porte majestoso do nosso pai Abraão, os olhos a faiscarem, um ramo na mão a servir de pau, vestido com uma ampla túnica de camponês presa na cintura por uma corda que pendia sobre as calças largas.

Os tolstoianos do bairro (os meus pais chamavam-lhes «toltoischkis») eram todos vegetarianos inveterados, reformadores do mundo, moralistas, profundamente imbuídos de amor da natureza e da humanidade, que amavam todas as criaturas vivas sem distinção, animados de sentimentos pacifistas e nostálgicos da vida de trabalho simples e pura, que aspiravam ao regresso ao campo, ao trabalho da terra nos campos e pomares. Mas nem da planta mais modesta eram capazes de cuidar: ou a regavam tanto que ela se afogava, ou se esqueciam de a regar, a menos que fosse por culpa do mandato britânico hostil que deitava cloro na nossa água.

Alguns eram tolstoianos directamente saídos de um romance de Dostoievsky: torturados, faladores, que reprimiam as suas tendências, idealistas atormentados. Mas quer os tolstoianos quer os dostoiévskianos de Kerem Avraham trabalhavam efectivamente para Chekov.

No nosso bairro o mundo era geralmente chamado «o grande mundo», mas tinha também outros apelidos: esclarecido. Exterior. Livre. Hipócrita. Eu conhecia-o quase só da colecção de selos: Danzig. Boémia e Morávia. Bósnia e Herzegovina. Ubangui-Chari. Trindade e Tobago. Quénia-Uganda-Tanganika. O mundinteiro era distante, atraente, maravilhoso, mas muito perigoso e hostil: não gostam dos judeus por eles serem particularmente inteligentes e dotados, mas igualmente barulhentos e arrivistas. Não gostam do que nós empreendemos aqui em Eretz-Israel² e até nos invejam esta faixa de terra pantanosa, desértica e rochosa. Lá, no mundo, os muros estavam cobertos de palavras de ódio, «Judeu, vai para a Palestina», e agora que aqui estamos o mundinteiro grita «Judeu, sai da Palestina».

Não era apenas o mundinteiro, mas Eretz-Israel também era longe: algures, para lá das montanhas, vivia uma nova espécie de heróis judeus, uma raça bronzada, vigorosa, activa e de poucas falas, o oposto do judeu da Diáspora e dos moradores de Kerem Avraham. Rapazes e raparigas pioneiros, determinados, bronzados, silenciosos, capazes de afrontar a escuridão da noite e de libertar as relações entre os homens e as mulheres de todos os tabus. Que não tinham vergonha de nada. «Acham que no futuro será tudo muito simples», disse uma vez o avô Alexandre, «o rapaz dirige-se à rapariga e pede-lhe aquilo, ou talvez elas nem sequer esperem que os rapazes lhes peçam e tomem a iniciativa, como se fosse um copo de água.» «Mas não será um bolchevismo puro e simples destruir assim o mistério e o pudor?!», insurgiu-se polidamente o tio Bezalel, que era míope. «Não fazer caso dos sentimentos?! Reduzir toda a nossa vida a um copo de água morna?!» Do seu canto, o tio Nehemia começou a rosnar as palavras de uma canção — pareciam-me os rugidos de um animal desesperado: «Ói, o cami-nho

² Terra de Israel. (*N. da T.*)

é tão com-pri-do, a estrada tão sinuo-sa e fugi-dia, ói mame, eu bem avanço mas tu estás longe, mais longe do que a lua!...» E a tia Tsipora, em russo: «*Ну, já chega. Vocês enlouqueceram todos? O menino está a ouvir tudo!*» e passaram para o russo.

Os tais pioneiros viviam para lá dos nossos horizontes, na Galileia, no Sharon, ou nas planícies. Eram rapazes robustos e calorosos, apesar de taciturnos e pensativos, e raparigas bem constituídas, directas e reservadas, como se já conhecessem e percebessem tudo, como se já soubessem tudo sobre nós e sobre as nossas dúvidas, mas se relacionassem connosco com afecto, seriedade e respeito, não como com uma criança, mas como com um homem, por muito jovens que fôssemos.

Para mim, aqueles pioneiros eram fortes, sérios e de poucas falas, capazes de cantar em círculo canções românticas e cheias de nostalgia, cantigas cómicas ou tão eróticas que nos faziam corar, de dançar loucamente até se libertarem do seu invólucro corporal, de se isolar e de pensar, de viver ao ar livre e em tendas, de fazer os trabalhos mais pesados, «estamos sempre a postos», «os teus rapazes fizeram a paz do arado, agora é a vez da paz na ponta das metralha-doras!», «vamos para onde nos mandarem», capazes de montar cavalos selvagens e de conduzir tractores de lagartas, que sabiam árabe, conheciam todas as grutas e *wadis*³, sabiam servir-se de pistolas e granadas de mão, mas também liam poesia e livros de filosofia, eram inteligentes, reservados, discutiam em voz baixa nas tendas, à luz das velas, até altas horas da noite, sobre o sentido da vida e sobre a difícil escolha entre o amor e o dever e entre o interesse nacional e a justiça.

Às vezes ia com os amigos para o pátio da cooperativa de lacteínios Tnuva, para os ver chegar do lado de lá das montanhas escuras numa camioneta carregada de produtos agrícolas, «com as suas roupas simples, cinturão e botas pesadas», e andava à roda deles a aspirar o cheiro do feno e a inebriar-me com o aroma das distâncias: era lá onde eles estavam que as coisas realmente grandes aconteciam.

³ Curso ou leito de água em árabe. (*N. da T.*)

Era lá que eles construíam o país, reformavam o mundo, edificavam uma nova sociedade, marcavam a paisagem e a história do seu cunho, aravam os campos e plantavam as vinhas, compunham uma poesia nova, montavam a cavalo armados até aos dentes e respondiam com fogo ao fogo dos provocadores árabes, era lá que do miserável pó humano se fazia uma nação combatente.

Eu sonhava em segredo que eles me levariam um dia com eles e me transformariam em nação combatente. Que a minha vida se tornaria um poema novo, uma vida pura, recta e simples como um copo de água fria num dia de calor tórrido.

Para lá dos montes escuros situava-se igualmente Telavive, a cidade efervescente de onde nos chegavam os jornais, os ecos do teatro e da ópera, do *ballet*, dos cabarés, da nova arte, dos partidos políticos, os rumores das discussões apaixonadas e também de alguma maledicência. Havia grandes desportistas em Telavive. E o mar. E as praias de lá estavam cheias de judeus bronzeados que sabiam nadar. Quem sabia nadar em Jerusalém? Quem ouvira jamais falar de judeus que nadam? Eram genes completamente diferentes. Mutantes. «Como o milagre da transformação da lagarta em borboleta.»

A palavra «Telavive» tinha de facto uma magia especial. Quando falavam em «Telavive» eu imaginava imediatamente um rapagão bronzeado, vestido com uma camisola de trabalho azul, poeta-operário-revolucionário, destemido, um «*hevreman*»⁴, como se costumava dizer, com um boné colocado às três pancadas sobre o cabelo encaracolado, a fumar um cigarro *Matossian*, e à vontade no mundo: durante todo o dia trabalhava a alcatroar as estradas ou a espalhar brita, ao fim da tarde tocava violino e à noite dançava com as raparigas ou cantava-lhes canções sentimentais no meio das dunas ao luar, e de madrugada ia buscar ao esconderijo uma pistola ou uma *Sten* e esgueirava-se no escuro para defender os campos e as casas.

⁴ Do iídiche. Simpático, sociável, amigo. (*N. da T.*)

Telavive era tão longe! Durante toda a minha infância não fui a Telavive mais de cinco ou seis vezes: íamos passar os feriados com as tias, irmãs da minha mãe. Não era apenas a luz de Telavive que diferia da de Jerusalém mais do que hoje, mas as próprias leis da gravidade também não eram as mesmas. Em Telavive as pessoas andavam de maneira diferente: saltavam e planavam como Neil Armstrong na Lua.

Em Jerusalém andava-se como num funeral, ou como os espectadores atrasados num concerto: primeiro apalpava-se o terreno com a ponta do pé. Em seguida, depois de pousar o pé, não havia pressa em mexê-lo: se tínhamos levado dois mil anos a conseguir pôr o pé em Jerusalém, não íamos renunciar tão rapidamente. Porque se levantássemos o pé, podiam tirar-nos o pedaço de chão, «a ovelhinha do pobre»⁵. Por outro lado, se já estava no ar, também não havia pressa em pousá-lo: sabe-se lá que ninho de víboras lá podia estar, que intrigas e maquinações. Durante dois mil anos tínhamos pago com sangue a nossa imprudência, caindo constantemente nas mãos dos nossos inimigos porque pousávamos o pé sem medir bem as consequências. Era mais ou menos assim que se andava em Jerusalém. Mas em Telavive, qual quê! A cidade inteira parecia um gafanhoto. As pessoas, as casas, as ruas, as praças, o vento marítimo, as areias, as avenidas e até as nuvens corriam.

Uma vez fomos a Telavive para a noite do *Seder*⁶, e de manhãzinha cedo, quando ainda estavam todos a dormir, vesti-me, saí de casa e fui brincar sozinho para uma praceta onde havia um banco ou dois, um baloiço, uma caixa de areia, três ou quatro árvores novas onde os passarinhos já cantavam. Passados alguns meses, em *Rosh Hashaná*⁷, voltámos a Telavive e a praceta já lá não estava. Tinham-na transferido, com as árvores, o baloiço, o banco, os pássaros e a caixa de areia para o outro canto da rua. Fiquei pasmado: não conseguia entender como é que Ben Gurion e as autoridades competentes permitiam uma coisa daquelas. Então, como é? Chega

⁵ II Samuel, 12-4. (*N. da T.*)

⁶ Do hebraico «ordem, série, arranjo, ou ordem da liturgia». Ceremonial da primeira noite (e segunda na Diáspora) da Páscoa judaica que comemora o Êxodo, o fim da escravidão dos Hebreus no Egípto e o seu regresso à terra de Israel. (*N. da T.*)

⁷ Literalmente «cabeça do ano», início do ano. Primeira festa do calendário civil judaico, considerada o Ano Novo, e que se celebra na lua nova de Setembro. (*N. da T.*)

ali uma pessoa e, sem mais nem menos, muda a praceta? E se um dia der na cabeça de alguém mudar o Monte das Oliveiras? Ou a Torre de David? Ou o Muro das Lamentações?

Entre nós, falava-se de Telavive com inveja, orgulho, veneração e uma pontinha de mistério: como se Telavive fosse um projecto secreto e vital do povo judeu, um projecto sobre o qual mais valia não falar demasiado, pois as paredes têm ouvidos, e havia inimigos e agentes secretos em todo o lado.

Telavive: o mar. A luz. O azul do céu, as dunas, os andaimes, o teatro Ohel Shem, os quiosques nas alamedas, uma cidade hebraica branca, de linhas simples, erguendo-se entre os laranjais e as dunas. Não era apenas um sítio onde, para se ir, bastava comprar um bilhete de autocarro, não, era outro continente.

Durante anos mantivemos um ritual telefónico instituído com a nossa família de Telavive. Telefonávamos-lhes de três em três ou de quatro em quatro meses, apesar de nem eles, nem nós termos telefone. Primeiro escrevíamos uma carta à tia Haia e ao tio Zvi a anunciar que no dia dezanove do mês, que calhava uma quarta-feira — às quartas-feiras, o tio Zvi terminava o trabalho no centro de saúde às três horas da tarde —, nós telefonaríamos da nossa farmácia para a deles às cinco da tarde. A carta era enviada com bastante antecedência, e esperávamos pela resposta. Na carta de resposta, a tia Haia e o tio Zvi confirmavam que a quarta-feira, dia dezanove, lhes convinha perfeitamente e que estariam na farmácia um pouco antes das cinco, e que não nos devíamos preocupar se nos atrasássemos um pouco, porque não havia pressa.

Não me lembro se vestíamos roupa especial para a ida à farmácia e o telefonema para Telavive, mas não me espantaria que tal fosse o caso. Aquilo era um acontecimento. Logo no domingo, o pai anunciava à mãe: «Fania, não te esqueceste que esta é a semana da conversa com Telavive, pois não?» Na segunda-feira era a vez de a mãe dizer: «Arié, não voltes tarde depois de amanhã, não vá acontecer algum percalço.» E na terça-feira, diziam-me ambos: «Amos, vê lá, não nos pregues alguma partida, estás a ouvir?, não fiques doente, ouves?, não te constipes nem caias até amanhã depois do

almoço.» Na última noite diziam-me: «Deita-te cedo e dorme, para teres força amanhã ao telefone, não quero que eles pensem, quando te ouvirem, que passas fome.»

E assim criavam a emoção. Morávamos na rua Amós e a farmácia ficava a uma distância de cinco minutos a pé, na rua Sofonias, mas às três horas o pai já estava a dizer:

«Não comeces nenhuma tarefa nova agora, Fania, para não te sentires pressionada.»

«Por mim tudo bem, mas tu, com os teus livros, vê lá se não te esqueces.»

«Eu? Esquecer? Mas eu estou sempre a olhar para o relógio. E o Amos avisa-me.»

Eis como, com apenas cinco ou seis anos, já pesava sobre mim uma responsabilidade histórica. Relógio não tinha, nem podia ter, e por isso tinha de andar sempre a correr para a cozinha para verificar no relógio de parede e depois anunciava, como no lançamento de uma nave espacial: faltam vinte e cinco minutos, vinte, quinze, dez e meio — e quando faltavam dez minutos e meio levantávamos-nos, trancávamos a porta e lá íamos os três, primeiro à esquerda até à mercearia do senhor Oster, à direita na rua Zacarias, depois novamente à esquerda na rua Malaquias, outra vez à direita na rua Sofonias, entrávamos na farmácia e dizíamos:

«Bom-dia, senhor Heineman, como tem passado? Viemos para telefonar.»

É óbvio que ele já sabia que na quarta-feira viríamos telefonar para os nossos parentes de Telavive, e sabia igualmente que Zvi trabalhava no centro de saúde, que Haia tinha um posto importante na comissão das operárias, que Ygal seria um desportista quando fosse grande, e que eles eram amigos de Golda Meyerson e de Misha Kolodani, a quem aqui chamávamos Moshe Kol, mas nós lembrávamos-lhe: «Viemos telefonar aos nossos parentes de Telavive.»

«Sim, com certeza. Sentem-se por favor», dizia o senhor Heineman, e contava a sua eterna anedota do telefone: «Uma vez, no Congresso Judaico, em Zurique, ouviram-se subitamente uns rugidos terríveis numa sala ao lado. Berl Locker perguntou a Herzfeld o que eram aqueles berros e Herzfeld respondeu que era o camarada

Rubashov a falar com Ben Gurion em Jerusalém. ‘Está a falar com Jerusalém!’, disse Berl Locker surpreendido, ‘então porque não utiliza o telefone?’»

«Bem, vou ligar», dizia o pai. «Ainda é cedo, Arié. Ainda falta um pouco para a hora», dizia a mãe. «Sim», respondia o pai, «mas até conseguirmos a ligação» (ainda não havia ligação directa). E a mãe: «E se conseguirmos a ligação imediatamente e eles ainda não tiverem chegado?» «Nesse caso, voltamos a tentar mais tarde», insistia o pai. E a mãe: «Não, eles vão ficar preocupados, vão pensar que não nos apanharam.»

Enquanto discutiam chegavam as cinco horas. O pai levantava o auscultador, de pé, não se sentava, e dizia à operadora: «Boa-tarde, minha senhora. Agradeço que me ligue ao número 648 em Telavive» (ou algo no género. Nessa época ainda só havia três algarismos). Às vezes acontecia a operadora dizer: «Peço-lhe que aguarde um momento, por favor, o chefe dos correios está em linha.» Ou o senhor Sitton. Ou o senhor Nashashibi. E nós ficávamos em pulgas. O que havia de ser? O que é que eles haviam de pensar de nós, lá em Telavive?

Eu conseguia ver literalmente aquele fio único que ligava Jerusalém a Telavive e ao universo inteiro, e aquela linha estava ocupada, e enquanto assim estivesse nós estávamos desligados do mundo. O fio serpenteava através do deserto, por entre as rochas, os montes e as colinas, o que para mim era um milagre. E tremia só de pensar no que aconteceria se durante a noite as feras o comessem? Ou se uns árabes maus o cortassem? Ou se a chuva entrasse dentro dele? Ou se houvesse uma queimada? Sabe-se lá. Era tão fino aquele fio que andava por lá aos ziguezagues, tão delicado, tão sem protecção, a derreter ao sol, sabe-se lá! Sentia-me cheio de gratidão pelas pessoas que o tinham instalado, gente tão corajosa e diligente, pois desenrolar um fio de Jerusalém a Telavive não era coisa simples, sabia-o eu por experiência: uma vez tínhamos desenrolado um fio do meu quarto ao de Eliahu Friedman, que ficava apenas a uma distância de duas casas e um pátio, que história, entre as árvores, os vizinhos, um armazém, uma cerca, escadas e sebes...

Depois de esperar um pouco, o pai partia do princípio que o chefe dos correios ou o senhor Nashashibi já tinham terminado

a conversa, levantava novamente o auscultador e dizia à operadora: «Desculpe, minha senhora, pedi o número 648 de Telavive.» Ela respondia: «Já registei o seu pedido, senhor, tenha paciência» (ou: «Aguarde um pouco mais, por favor»). O pai dizia: «Eu aguardo, minha senhora, claro que aguardo, mas também há pessoas à espera do outro lado.» Era assim que lhe dava a entender delicadamente que, por muito civilizados que fossemos, havia limites para a nossa paciência e moderação. Éramos gente bem-educada, sim, mas não *freierim*, pacóvios; não éramos gado a abater. O tempo em que toda a gente podia maltratar os judeus e fazer deles o que lhes dava na gana acabara para sempre.

Subitamente a campainha do telefone retinia na farmácia, era sempre um som excitante, de fazer arrepios pelas costas abaixo, um momento mágico, e a conversa desenrolava-se mais ou menos assim:

- Alô, Zvi?
- O próprio.
- É o Arié. De Jerusalém.
- Sim, Arié, boa-tarde, daqui é o Zvi, como estão vocês?
- Tudo bem connosco. Estamos a falar da farmácia.
- Nós também. O que há de novo?
- Não há nada de novo. E convosco, Zvi? O que contas?
- Está tudo bem. Não há nada de especial. A vida.
- Se não há nada de novo é bom. Connosco também não há novidades. Estamos muito bem. E vocês?
- Também.
- Ótimo. Então passo-te a Fania.

E a cena repetia-se: Como estão? O que há de novo? E a seguir: «Agora é a vez de Amos dizer umas palavras.»

Eis a conversa. Como estão? Bem, então voltaremos a falar em breve. Foi bom ouvir-vos. Nós também gostámos de vos ouvir. Depois enviamos uma carta a marcar a próxima vez. Voltaremos a falar. Sim. Com certeza. Brevemente. Até breve. E tenham cuidado convosco. Felicidades. Igualmente para vocês.

Mas não era cómico: a vida estava presa por um fio. Agora sei que eles não estavam tão certos de voltar a falar, talvez aquela fosse a última vez, sabe-se lá o que poderia acontecer, revoltas, um pogrome, um massacre, os árabes revoltarem-se e matarem-nos a todos, rebentar uma guerra, acontecer uma grande catástrofe, os tanques de Hitler estavam quase às nossas portas, de dois lados, pelo Norte de África e pelo Cáucaso, sabe-se lá o que ainda nos esperava. Aquela conversa vazia não era de todo vazia — era apenas monótona.

Aquelas conversas telefónicas mostram a dificuldade que todos — e não apenas os meus pais — tinham em exteriorizar os seus sentimentos. Quanto às manifestações públicas não tinham o menor problema — eram pessoas emotivas que sabiam expressar-se. E como! Eram capazes de passar três ou quatro horas a discutir apaixonadamente sobre Nietzsche, Estaline, Freud, Jabotinsky, de se lançar nessas discussões de corpo e alma, de vibrar de emoção, de se indignar sobre o colonialismo, o anti-semitismo, a justiça, a «questão agrária», o «problema da mulher», a «questão da vida em oposição à arte». Mas quando tentavam exprimir um sentimento pessoal, o resultado era sempre crispado, seco, quase amedrontado, fruto de gerações e gerações de inibições e tabus. De tabus duplos, de dois sistemas repressivos: a boa educação europeia pequeno-burguesa reforçando as inibições do *shtetl*⁸ tradicional judaico. Quase tudo era «proibido» ou «não se faz» ou «não é bonito».

Para além disso, faltavam-lhes as palavras: o hebraico ainda não era para eles uma língua espontânea, e muito menos íntima, e não sabiam bem o que saía quando falavam hebraico. Nunca tinham a certeza de não estar a dizer alguma coisa ridícula, e o ridículo era algo que temiam acima de tudo. Tinham-lhe um medo de morte. Mesmo pessoas como os meus pais, que sabiam bem hebraico, não dominavam a língua totalmente. Falavam-na com uma obsessão de rigor, repetindo-se constantemente, reformulando as frases que tinham acabado de dizer: um pouco como um motorista míope,

⁸ Termo ídiche, derivado do alemão *städtlein*, vila ou aldeia, que designava as povoações de população maioritariamente judaica, situadas na Europa Central e de Leste de antes do Holocausto, em particular na chamada «Zona de Residência» do Império russo, Polónia, Galícia e Roménia. (*N. da T.*)

perdido de noite no labirinto de ruelas de uma cidade estranha, num carro desconhecido.

Um sábado, uma amiga da minha mãe, a professora Lilia Bar-Simcha, veio visitar-nos. Durante a conversa, estava sempre a dizer «fiquei a tremer», e umas duas vezes disse mesmo «ele ficou num estado de tremor». Eu escangalhei-me a rir porque em hebraico «tremer» quer também dizer «peidar-se», mas eles não perceberam, ou então fingiram não perceber. O mesmo se passou quando disseram que a tia Clara «merdava» sempre as batatas fritas, para significar que as estragava, e quando o pai falou na corrida aos armamentos das grandes potências ou criticou violentamente a decisão dos países da NATO de armarem a Alemanha para intimidar Estaline, sem se dar conta que «armar» em hebraico quer também dizer «foder».

O meu pai, por seu lado, franzia o sobrolho sempre que eu usava a palavra «enganar», uma palavra totalmente inofensiva, nunca percebi porque é que o irritava tanto, pois ele obviamente não explicava, e perguntar não se podia. Mais tarde, vim a saber que nos anos trinta, antes de eu nascer, «enganar» significava engravidar uma rapariga, e para mais sem casar com ela. Às vezes, a expressão «enganou-a» queria apenas dizer que tinha dormido com ela: «Naquela noite, no armazém, ele enganou-a duas vezes, e, de manhã, fez de conta que não a conhecia, o malvado.» Assim, quando eu dizia que «Uri enganou a irmã», o pai fazia uma careta e franzia o nariz. É claro que nunca explicou — como é que podia?

Entre si não falavam hebraico. Se calhar, nos momentos de maior intimidade nem sequer falavam de todo. Ficavam calados. Sempre o medo do ridículo.



N aquela época, aparentemente, no topo da escala de prestígio estavam os pioneiros. Mas os pioneiros viviam longe de Jerusalém, nas planícies costeiras, na Galileia, nos desertos das margens do Mar Morto. Nós venerávamos de longe a sua imagem forte e sonhadora, com o tractor e os sulcos da terra como pano de fundo, nos cartazes do Fundo Nacional Judaico.

Um pouco abaixo vinha a comunidade organizada: leitores do jornal *Davar*¹ sentados nas varandas, de camisola interior, no Verão, membros da Histadrut², da Haganá³, da Caixa de Segurança Social, vestidos de caqui, que contribuía para a «caixa comunitária», adeptos da salada-omelete-queijo fresco, partidários da contenção, da responsabilidade, de um modo de vida sólido, da «caixa comunitária», da produção local, do proletariado, da disciplina partidária e das azeitonas não picantes em frascos da Tnuva, *Azul em cima e azul em baixo, construímos um porto aqui! um porto aqui!*

Do outro lado da barreira, frente a esta comunidade organizada, estavam os dissidentes-terroristas, os ultra-ortodoxos de Mea

¹ Literalmente «palavra». Jornal hebraico, órgão da Histadrut, a Organização Geral dos Trabalhadores Israelitas, publicado entre 1925 e 1994. (*N. da T.*)

² Organização Geral dos Trabalhadores Israelitas, fundada em 1920. (*N. da T.*)

³ Literalmente «Defesa». Organização militar clandestina da colónia judaica na Palestina, durante o mandato britânico, de 1920 a 1948, que viria a ser a base do futuro exército israelita a partir da fundação do Estado de Israel, em 1948. (*N. da T.*)

Shearim⁴, bem como os comunistas «inimigos de Sião», e uma plêiade de intelectuais, de carreiristas, de artistas egocêntricos do tipo cosmopolita decadente e com eles uma quantidade de excêntricos, de individualistas e niilistas duvidosos, de *yekes*⁵ incapazes de se desfazerem dos seus tiques germânicos, de toda a espécie de *snoobs* anglicizados, de sefarditas afrancesados ricos que, vistos de cá, pareciam lacaios cerimoniosos, de Iemenitas, de Georgianos, de Marroquinos, de Curdos e de originários de Salónica, todos eles indiscutivelmente nossos irmãos, e uma mão-de-obra incontestavelmente muito promissora, mas o que fazer, ainda tínhamos de ter muita paciência com eles e não poupar esforços.

Havia ainda os refugiados e os imigrantes clandestinos, os sobreviventes e os antigos deportados, que eram olhados em geral com um misto de piedade e desprezo: uns pobres coitados, uns miseráveis, mas quem lhes tinha mandado esperar por Hitler, em vez de virem para cá quando ainda era tempo? E porque é que se tinham deixado levar como gado para o abate em vez de se organizarem e de resistirem? E que acabassem de vez com aquelas lamúrias em ídiche, e não comesçassem a contar-nos o que lhes fizeram lá, porque não é coisa para se orgulhar, nem eles nem nós. E para além disso, nós aqui estávamos decididamente virados para o futuro e não para o passado e, a propósito de passado, nós tínhamos um passado hebraico glorioso, bíblico e hasmoneu, e não valia a pena desfeá-lo com um passado judaico deprimente, feito de amarguras e desgraças (que nós pronunciávamos sempre em ídiche «*tsures*», com uma careta de nojo e escárnio, para que as crianças percebessem que aquelas desgraças eram uma espécie de lepra deles e não nossa). Entre os sobreviventes contava-se, por exemplo, o senhor Licht, a quem os miúdos do bairro chamavam «um milhão de *yelodzim*», um milhão de meninos. Alugara um buraco na rua Malaquias onde dormia, à noite, em cima de um colchão que enrolava durante o dia, transformando o local num pequeno negócio intitulado «limpeza a seco e engomadaria a vapor». Tinha os cantos da boca sempre descaídos como por desprezo ou nojo profundo. Ficava sentado à porta da lavandaria, à espera dos clientes, e quando

⁴ Literalmente «Cem portões», bairro ultra-ortodoxo de Jerusalém. (*N. da T.*)

⁵ Nome dado aos judeus alemães. (*N. da T.*)

algun dos miúdos do bairro passava por ele, cuspiam para o lado e murmurava entre dentes: «Um milhão de *yelodzim* mataram eles! *Yelodzim* como vocês! Massacrados!» Não era com tristeza que o dizia, mas com ódio, com horror, como se nos insultasse.

Os meus pais não tinham um lugar definido na escala entre os pioneiros e os *tsures*; estavam entre duas cadeiras: tinham um pé na comunidade organizada (eram membros da caixa de assistência médica e contribuía para a «caixa da comunidade») e o outro no ar. O meu pai identificava-se bastante com a ideologia dos dissidentes, embora não tivesse a menor simpatia pelas bombas e as armas. O máximo que fazia era pôr à disposição da Resistência os seus conhecimentos de inglês, e redigir de vez em quando panfletos clandestinos contra a «Pérfida Albion». Os intelectuais do bairro de Rehavia exerciam algum fascínio sobre os meus pais, mas a ideologia pacifista da «Aliança da Paz», que defendia uma fraternidade sentimental entre judeus e árabes e a renúncia ao sonho de um Estado judaico a fim de que os Árabes tivessem piedade de nós e nos permitissem viver aqui sob o seu jugo, essa ideologia parecia-lhes irrealista, mole e derrotista, típica do espírito de Diáspora.

A minha mãe, que frequentara a Universidade de Praga e terminara os estudos na Universidade de Jerusalém, dava lições particulares de história e literatura a alunos que preparavam os exames de liceu. Com uma licenciatura em Literatura da Universidade de Vilna e um mestrado do Monte Scopus, o meu pai não tinha a menor hipótese de conseguir um posto na Universidade Hebraica numa época em que os especialistas de literatura em Jerusalém eram mais numerosos do que os estudantes. Para além disso muitos daqueles professores tinham verdadeiros títulos académicos, diplomas de universidades alemãs conceituadas, não como o papelucho polaco-jerosolimita do meu pai. Por conseguinte, conseguiu um posto de bibliotecário na Biblioteca Nacional do Monte Scopus, e à noite redigia os seus ensaios sobre a novela na literatura hebraica e sobre a história geral da literatura. Com a sua gravata, os seus óculos redondos e o casaco amarrotado, o meu pai era um bibliotecário culto, educado, estrito e ao mesmo tempo acanhado,

que cumprimentava sempre os superiores, se precipitava para abrir a porta às senhoras, reivindicava os seus direitos, declamava com emoção excertos de poemas em dez línguas, se esforçava por ser amável e gracioso, repetindo vezes sem conta as mesmas piadas (a que ele chamava anedotas ou pilhérias). Mas, na maioria das vezes, as piadas eram um pouco forçadas, não era um humor vivo, antes uma espécie de afirmação de princípio da necessidade de rir justamente nos tempos difíceis.

Na presença de um pioneiro de caqui, de um revolucionário ou de um intelectual que virara operário, o meu pai ficava pouco à vontade: no estrangeiro, em Vilna ou em Varsóvia, toda a gente sabia como se dirigir a um proletário. Embora cada um conhecesse bem o seu lugar, devíamos mostrar claramente a esse operário que éramos democráticos e que não nos armávamos em superiores. Mas aqui? Em Jerusalém? Aqui tudo era ambíguo; não caótico, como com os comunistas na Rússia, mas ambíguo: por um lado, o pai pertencia à classe média, mais precisamente à classe média-baixa, mas apesar de tudo média, era uma pessoa culta, que escrevia artigos e livros, com um posto modesto na Biblioteca Nacional, enquanto o seu interlocutor era um operário da construção todo transpirado, de fato-macaco e botas pesadas. Por outro lado, segundo diziam, o tal operário possuía um diploma de Química e era um pioneiro convicto, o sal da terra, um herói da revolução hebraica, um trabalhador manual, enquanto lá bem no fundo o meu pai se sentia um intelectual desenraizado, míope e com duas mãos esquerdas, uma espécie de desertor da verdadeira frente de construção da pátria.

A maioria dos nossos vizinhos eram funcionários, pequenos comerciantes, caixas de banco ou de cinema, professores, explicadores ou dentistas. Não eram pessoas religiosas, só iam à sinagoga em *Kipur*⁶ e, por vezes, também em *Simchá Torá*⁷, mas acendiam

⁶ Dia de expiação e jejum, apogeu dos «Dez dias de penitência» que se iniciam em *Rosh Hashaná*. É o dia mais importante do calendário litúrgico judaico. (*N. da T.*)

⁷ Literalmente «Alegria da Tora», festa que marca o fim do ciclo anual de leituras semanais da Tora, a partir do qual se reinicia um novo ciclo, com a leitura do Génesis, lembrando-nos que a Tora é um círculo que nunca acaba. (*N. da T.*)

sempre as velas, na véspera de *Shabat*, a fim de manterem um ambiente judaico e talvez também como medida de segurança, para se protegerem das desgraças. Eram todos mais ou menos cultos, embora isso os embaraçasse um pouco. Tinham opiniões bem definidas sobre o mandato britânico, o futuro do sionismo, o proletariado, a vida cultural em Israel, a controvérsia entre Marx e Dühring, os romances de Knut Hamsun, o «problema árabe» e a «questão da mulher». Havia alguns filósofos e moralistas que preconizavam, por exemplo, a revogação da excomunhão de Espinosa, ou que se devia explicar aos Árabes de Israel que eles não eram de todo Árabes, mas descendentes dos antigos Hebreus, ou ainda que havia que fazer de uma vez por todas a síntese das ideias de Kant e Hegel com a doutrina de Tolstói e o sionismo prático, da qual resultaria aqui em Israel uma vida extraordinariamente pura e saudável, ou encorajar a bebida de leite de cabra, ou ainda aliar-se aos Estados Unidos ou a Estaline a fim de expulsar os Ingleses, ou fazer todas as manhãs exercícios simples de ginástica para lutar contra a tristeza e purificar a alma.

Aqueles vizinhos que se reuniam aos sábados à tarde no nosso pequeno pátio para beber chá russo, sentiam-se quase todos deslocados. Quando tinham de mudar uma lâmpada, a borracha da torneira, ou fazer um buraquinho na parede, iam logo à procura de Baruch, o único do bairro capaz de fazer aqueles milagres e a quem por isso chamavam o «Baruch das mãos de ouro». Todos os outros sabiam analisar, com grande ênfase, a importância do retorno do povo judeu à vida agrícola e de trabalho manual: intelectuais, diziam eles, temos nós de sobra, mas faltam-nos imenso os simples operários. Mas, no nosso bairro, para além do Baruch das mãos de ouro, não havia quase nenhuns operários simples. Também não havia intelectuais de monta: todos liam muitos jornais e gostavam muito de falar. Alguns talvez fossem peritos em certas coisas, ou tivessem um espírito bastante vivo, mas a maioria limitava-se a repetir mais ou menos o que lera nos jornais ou em panfletos e manifestos partidários. Em criança eu pressentia obscuramente a distância entre esse entusiasmo em reformar o mundo e a forma como retorciam as abas do chapéu quando lhes ofereciam uma chávena de chá, ou o rubor de vergonha quando a minha mãe se baixava

(só um pouco) para lhes adoçar o chá, e o modesto decote se abria um pouquinho mais: os dedos embaraçados que se dobravam sobre si a tentar desaparecer.

Tudo aquilo era muito checoviano — tal como o sentimento de provincianismo: havia no mundo lugares onde a verdadeira vida se desenrolava, longe dali, na Europa de antes de Hitler, onde uma profusão de luzes se acendia todas as noites, cavalheiros e damas se encontravam para tomar café com natas em salões revestidos de madeira, confortavelmente instalados em cafés de luxo debaixo de lustres dourados, iam de braço dado à ópera e ao *ballet*, assistiam de perto à vida dos grandes artistas, aos seus amores tumultuosos, aos corações despedaçados, à amante do pintor que se apaixonara de repente pelo seu melhor amigo, o compositor, e que a meio da noite se precipitara só, de cabeça destapada, à chuva, para a velha ponte que se reflectia nas águas do rio.

No nosso bairro aquelas coisas nunca aconteciam: essas passavam-se do outro lado das montanhas escuras, em lugares onde as pessoas viviam sem pensar nas consequências. Por exemplo na América dos exploradores de ouro, dos assaltos aos comboios-correios, das manadas galopando em pradarias a perder de vista, onde quem matasse mais índios ganhava a rapariga mais linda. Tal era a América do cinema Edison: a rapariga mais bonita era o prémio oferecido ao melhor atirador. E o que fazia ele com um prémio daqueles? Sobre isso não tinha a menor ideia. Se nesses filmes nos mostrassem uma América onde, pelo contrário, quem conseguisse acertar em mais raparigas ganhava o índio mais bonito, ainda achava normal. De qualquer maneira, era assim que as coisas se passavam naqueles mundos longínquos, na América, e noutros lugares maravilhosos do meu álbum de selos, em Paris, Alexandria, Roterdão, Lugano, Biarritz, Saint-Moritz, sítios onde os cavalheiros se apaixonavam, lutavam com cavalheirismo, perdiam, renunciavam, andavam pelas ruas, e se içavam à meia-noite sobre bancos altos, para beber um copo, sozinhos, ao balcão de bares de hotel apinhados, em avenidas açoitadas pela chuva, numa vida aventureira.

Nos romances de Tolstoi e Dostoievsky, que eles passavam a vida a comentar, os heróis também viviam sem fazer contas e morriam de amor. Ou por algum ideal sublime. Ou de tuberculose, ou de mal de amor. E os pioneiros bronzeados, *na sua colina, lá longe, na Galileia*, também viviam sem fazer contas. No nosso bairro, ninguém morria de tuberculose, de amor infeliz ou por idealismo. Toda a gente vivia a contar. Não apenas os meus pais. Toda a gente.

Havia entre nós uma lei de ferro segundo a qual não devíamos comprar produtos importados e privilegiar a produção local. Mas, quando íamos à mercearia do senhor Oster, à esquina das ruas Abdias e Amós, tínhamos de escolher entre o queijo Tnuva, fabricado no *kibutz*, e o queijo árabe: seria o queijo árabe, da aldeia vizinha, Lifta, produto externo ou israelita? Era complicado. Há que dizer que o queijo árabe era um nadinha mais barato. Mas, ao comprarmos o queijo árabe, não estaríamos a trair um pouco o sionismo? E se lá longe, nalgum *kibutz* ou *moshav*⁸, no vale de Jezréel ou nos montes da Galileia, uma pioneira exausta, de lágrimas nos olhos, tivesse embalado aquele queijo hebraico para nós? Era justo virar-lhe as costas e comprar um queijo estrangeiro? Teríamos coragem para o fazer? Por outro lado, se boicotássemos os produtos dos nossos vizinhos árabes, estaríamos a avivar e a eternizar o ódio entre os dois povos, e o sangue que, Deus nos livre, viesse a correr, pesaria sobre a nossa consciência. E, para além disso, o *fellah* árabe, esse humilde trabalhador da terra, simples e honesto, cuja alma ainda não fora corrompida pela imundície das cidades, sim, esse *fellah* era realmente o irmão mais escuro do simples mujique, de alma nobre, das histórias de Tolstoi! Não seria uma crueldade virar as costas ao seu queijo artesanal? E teimar em castigá-lo? E por que razão? Porque a Grã-Bretanha e os *effendis* corruptos o excitavam contra nós e as nossas fábricas? Não. Desta vez íamos mesmo comprar o queijo árabe que, diga-se de passagem, era realmente um pouco mais saboroso e barato do que o da Tnuva. Mas, por outro lado ainda, será que era limpo? Sabe-se lá como eram as leitarias

⁸ Cooperativa agrícola, tal como o *kibutz*, mas menos colectivista. (N. da T.)

deles? E se se viesse a saber, tarde de mais, que o queijo deles estava cheio de micróbios?

Os micróbios eram um dos nossos piores pesadelos. Como o anti-semitismo: mesmo que nunca tivéssemos visto pela frente um anti-semita ou um micróbio, sabíamos que eles nos espreitavam em todos os cantos, e que viam tudo sem serem vistos. Com efeito, não é exacto dizer que nenhum de nós tenha alguma vez visto um micróbio: eu vi. Ao concentrar o meu olhar durante muito tempo num velho naco de queijo, tinha acabado por ver milhares de movimentos minúsculos. Tal como a gravitação em Jerusalém, que era muito mais forte do que hoje, os micróbios também eram maiores e mais resistentes. Eu vi-os.

A discussão entre os clientes da mercearia do senhor Oster era animada: comprar ou não comprar o queijo dos *fellahs*? Por um lado, «a caridade começa em casa», daí o nosso dever de comprar queijo Tnuva; mas, por outro, a Bíblia ordenava «Haverá uma só lei para vós e para o estrangeiro que mora entre vós», e por isso convinha comprar de vez em quando o queijo dos nossos vizinhos árabes, «porque vós fostes estrangeiros na terra do Egipto». E, depois, qual não seria o desprezo com que Tolstoi olharia para uma pessoa que comprasse um queijo e não outro apenas por diferenças de nacionalidade ou de raça! E os valores do universalismo? Do humanismo? Da fraternidade de todos os seres criados à imagem de Deus? E, no entanto, que lamentável, degradante e mesquinho seria comprar o queijo árabe só porque era uns cêntimos mais barato do que o dos pioneiros, que sofriam na pele para arrancar o pão da terra com as unhas?

Que vergonha! De uma maneira ou de outra era uma vergonha. A nossa existência estava cheia de infâmias daquelas.

Eis outro dos dilemas que se nos colocavam: deve-se ou não enviar flores num aniversário? E, em caso afirmativo, que flores? Os gladiolos eram muito caros, mas eram uma flor delicada, nobre, cheia de sentimento, não uma flor silvestre asiática meio selvagem. Papoilas e anémonas podíamos colher à nossa vontade, mas já se viu alguém mandar tais flores para um aniversário ou um

lançamento de um livro? Os gladiolos tinham um odor requintado a ópera, a festas em palácios, a teatro, a *ballet*, a cultura, a emoções profundas e subtis.

Por conseguinte, comprávamos gladiolos. Sem olhar a despesas. Mas, a questão era se sete gladiolos não seria um pouco exagerado? E cinco não seriam poucos? Talvez seis? Ou, apesar de tudo, sete? Não queríamos ser mesquinhos. Acabávamos por enviar seis envoltos num matagal de espargos. Mas, por outro lado, não seria aquilo uma coisa totalmente anacrónica? Gladiolos? Quem é que ainda enviava gladiolos? Os pioneiros na Galileia enviavam gladiolos? Em Telavive ainda havia quem se preocupasse com gladiolos? Para que é que serviam? Custavam os olhos da cara e passados quatro ou cinco dias iam para o caixote de lixo. Mas então que prenda oferecer? Uma caixa de chocolates? Que ideia! Ainda era mais ridículo do que os gladiolos. Se calhar o melhor era levar simplesmente uns *napperons*, ou um conjunto de suportes em metal prateado para os copos, em forma de espiral, com uma pega elegante, para servir o chá a ferver, uma prenda modesta simultaneamente estética e prática, que não se deitava fora e servia durante muitos anos, e de cada vez que a usassem talvez se lembrassem por instantes de nós.



Era possível encontrar em todo o lado pequenos embaixadores da Europa, a terra prometida. Os pequenos cadeados, por exemplo, ou *mentsheleh* como lhes chamavam em iídiche, uns homenzinhos em metal trabalhado, que mantinham os estores abertos durante o dia: para fechar as persianas virávamo-los de pernas para o ar, de maneira que ficavam toda a noite com a cabeça para baixo. Como Mussolini e a sua concubina, Clara Petacci, a quem penduraram pelos pés no fim da Segunda Guerra Mundial. Uma coisa horrível, medonha, não terem-nos enforcado, pois eles mereciam-no, mas que depois os tivessem pendurado de pernas para o ar. Faziam-me pena, apesar de ser proibido. Já se viu alguém ter pena deles, enlouqueceste ou quê? Não estás bom da cabeça? Ter pena de Mussolini? É quase como apiedar-se de Hitler! Mas eu tinha feito uma experiência, tinha-me pendurado pelos pés a um tubo pregado à parede: passados dois minutos o sangue tinha afluído à cabeça e eu senti que ia desfalecer. E não foram dois minutos que Mussolini e a concubina estiveram pendurados, mas três dias e três noites, e ainda para mais já estavam mortos! Parecia-me um castigo demasiado cruel. Mesmo para assassinos. Ou para concubinas.

Não que eu tivesse a mínima ideia do que era uma concubina. Não havia então em toda a Jerusalém uma única concubina. Havia «amigas», «companheiras», «camaradas nos dois sentidos», talvez houvesse mesmo algumas histórias: dizia-se com muito cuidado, por exemplo, que Tcherniansky tinha uma história com a amiga de